

SIDNEY SMITH — UM MARINHEIRO HERÓI

KENNETH H. LIGHT*
Professor

SUMÁRIO

- Introdução
- O homem – o marinheiro
- Os comandos – as ações
- O estudo de casos
- No Mediterrâneo
 - Vitória sobre Napoleão*
- A volta à Inglaterra
- Promoção a almirante
- De novo no Mediterrâneo
- O ocaso
- Relacionamento com Carlota Joaquina

INTRODUÇÃO

Historiadores brasileiros conhecem sir Sidney Smith principalmente, e quase exclusivamente, pela sua participação na jornada da família real portuguesa ao Brasil, em 1807-8, porque nesta época

ele comandava o esquadrão da costa de Portugal. Foi também, logo após a chegada da família real, e durante dois anos, comandante da base naval inglesa estabelecida por ele no Rio de Janeiro. Enquanto no Brasil, se empenhou em ajudar d. Carlota Joaquina nas suas pretensões de conqui-

* Sócio correspondente do Instituto Histórico de Petrópolis, sócio do British Historical Society of Portugal, diretor da Associação de Amigos do Museu Imperial, e diretor da Associação de Amigos do Palácio Rio Negro.

tar um território próprio para reinar, no caso a Argentina. Volumosa correspondência dele para ela em francês e dela para ele em espanhol atesta esta ambição, segundo pesquisa realizada no arquivo do Museu Imperial.

Este período de pouco mais de dois anos foi, talvez, o mais calmo da sua vida tumultuada.

Herói nacional na Inglaterra, enquanto ainda vivo suas façanhas serviam de tema para os teatros de variedade da época. Seu nome era sempre citado nos inúmeros panfletos impressos em Londres e distribuídos por todo o país.

Nenhum outro comandante naval, à exceção de Nelson, morto na Batalha de Trafalgar, teve tanta glória tão cedo.

No entanto, enquanto o herói Nelson teve um reconhecimento talvez nunca antes nem depois superado, o mesmo não aconteceu

com Sidney Smith. Vejamos: Nelson foi lembrado com uma estátua, num majestoso pedestal, colocado numa das principais praças de Londres. Seus restos mortais foram enterrados na Catedral de São Paulo — uma distinção reservada a poucos — após uma procissão liderada pelos seis duques da família real e por 32 almirantes! Como não tinha descendente legítimo, seu irmão William recebeu as honras e a recompensa pecuniária — um marquesado, £99,000 para comprar uma propriedade e uma pensão anual de £5,000 em perpetuidade. Em valores atuais, isso significaria US\$ 6 milhões e US\$ 350.000, respectivamente!

A Inglaterra tardou em reconhecer oficialmente os feitos de Sidney Smith, embora governos estrangeiros (Portugal, o Império Otomano, as duas Sicílias e a Suécia) tivessem reconhecido a sua contribuição e o condecorassem. Somente em 1838, portanto com

74 anos e dois anos antes de falecer, recebeu da jovem Rainha Vitória o merecido título da Grã-Cruz da Ordem do Banho — finalmente, tornou-se um *sir* inglês. Morreu em Paris, onde viveu os últimos anos de sua vida, e foi enterrado numa sepultura simples no Cemitério Père Lachaise.

Por que essas diferenças tão marcantes?

Esperamos que descrevendo a sua vida de muitas vitórias e alguns fracassos e o seu caráter complexo possamos contribuir para desvendar esse enigma.

O HOMEM — O MARINHEIRO

A história pouco conhecida desse herói que tanto contribuiu para derrotar

Napoleão e que esteve ligado ao Brasil durante os anos 1807-10 começou em Londres, onde nasceu, em 1764.

Seus primeiros anos foram muito conturbados; seu pai, Cornelius

Smith, era considerado um aproveitador e libertino. Conheceu sua mãe, filha de um rico comerciante, quando ela já tinha mais de 30 anos — naquela época, de vidas curtas, era uma idade avançada para se ter esperança de encontrar um marido. Fugiram juntos, e o pai dela, Pinkney Wilson, de imediato deserdou-a e renunciou a manter qualquer contato com ela e com os três filhos que ela depois viria a gerar.

Foi necessária a intervenção de uma tia para persuadir o avô a pagar a educação do neto Sidney. Os pais de Sidney se separaram, e, mesmo assim, Cornelius Smith não desistia de enviar correspondência ao sogro pedindo dinheiro — muitas vezes era portador o jovem Sidney —, na esperança de obter uma decisão favorável.

Com 13 anos de idade, começou a sua carreira naval. Hoje, para nós, a maneira de

Nenhum outro comandante naval, à exceção de Nelson, teve tanta glória tão cedo

entrar na Marinha parece estranha, mas na época era a forma considerada mais conveniente. Vejamos: cada capitão poderia ter até quatro serventes para cada cem homens da tripulação do navio que comandava; para se ter uma idéia, a nau mais comum, a de 74 canhões, ou peças, como eram mais conhecidos, tinha uma tripulação de 600 homens, portanto 24 serventes! A maior parte destes postos era reservada para amigos do capitão que desejavam iniciar seus filhos na carreira naval.

Seu primeiro posto foi no *Tortoise*, um navio depósito de víveres armado com 32 peças. O capitão conduzia-o como se fosse uma fragata — já no primeiro dia, parou três navios com tiros ameaçadores. Três meses depois, foram para a América escoltando navios mercantes.

Lá, Smith foi transferido para o Brigue *Unicorn* para fazer a viagem de retorno. Ainda na costa americana, teve sua primeira experiência de batalha. Velejando em comboio com a Nau *Experiment*, avistaram a fragata americana *Raleigh* e deram caça. O *Unicorn*, chegando primeiro, sozinho enfrentou a *Raleigh* durante três horas, até a chegada da *Experiment*. O brigue perdeu 13 homens, e muitos ficaram feridos, inclusive Smith — um estilhaço abriu a sua testa.

A sorte de Smith apenas começava. Durante a viagem, enquanto resistiam a um vento fresco, uma rajada fez o brigue deitar. Naquele momento, Smith encontrava-

se embaixo, no paiol do pano, e foi com dificuldade que conseguiu alcançar o convés de cima para ajudar a alijar as peças e endireitar o navio.

A próxima transferência, para a Nau-de-Linha *Sandwich*, em setembro de 1779, foi de suma importância. Era a nau capitânia do Esquadrão do Canal da Mancha, sob o comando de um dos mais famosos almirantes ingleses, Rodney. Em janeiro capturaram um esquadrão de 23 navios mercantes e uma nau de linha espanhola que os escoltava. Uma semana mais tarde, perto do

Cabo São Vicente, após uma batalha que durou toda uma noite de ventos frescos, cinco naus de linha espanholas foram capturadas e uma pegou fogo e explodiu. O comportamento do jovem Sidney Smith durante as ações não passou despercebido.

Em setembro de 1780, com sucesso, prestou exame para tenente. Deveria ter mentido a sua idade, pois legalmente o limite mínimo de idade era 19 anos, e eram necessários seis anos de serviço; ele tinha ape-

nas 16 anos de idade e três de serviço! Agora tornara-se oficial, embora ainda no primeiro degrau da escada que o levaria a almirante.

OS COMANDOS — AS AÇÕES

Ainda com Rodney, participou da batalha perto de Dominica, conhecida pelo nome de Todos os Santos, contra 30 naus



Sidney Smith

de linha francesas. Essa batalha foi importante, pois foi a primeira vez em que se utilizou a tática de atacar a linha de um ângulo de 90° em vez de atacá-la em linhas paralelas. A atuação de Smith novamente deve ter sido notada, pois lhe foi dado o comando da Escuna *Fury*, de 16 peças, e ordens para oficialmente ser o portador do relatório com a notícia da vitória.

Em fevereiro de 1784 voltou à Inglaterra, em comando da Fragata *Alcmene*, de 32 peças e uma tripulação de 300 homens. Ainda faltavam quatro meses para completar 20 anos. Como é que se comportaria um filho nosso de 19 anos com esta responsabilidade?

Um tratado de paz tinha sido assinado em 1783 – hoje sabemos que seria somente temporário. Conseqüentemente, a necessidade de empregar oficiais fora bastante reduzida. Aqueles que desejassem continuar com a sua carreira poderiam colocar-se à disposição do almirantado e, em troca, receber metade do salário. Claro, Sidney Smith, cuja alma era dedicada

à Marinha, se colocou à disposição. Achou que era uma boa oportunidade para aprimorar o seu conhecimento do idioma francês e desenvolver suas habilidades como espião amador. Partiu para a França.

Visitando a Normandia, anotou detalhes da costa e das fortificações. Verificou também que os franceses pretendiam desenvolver o porto de Cherbourg como base naval “na escala de Portsmouth”, a principal base inglesa. Descreveu com detalhes o método que estava sendo utilizado na construção de um quebra-mar. As suas observações eram enviadas ao almiranta-

do. Seu francês, que sempre foi muito bom, tornou-se excelente.

Estendendo sua atuação como espião amador, partiu para o Marrocos. Lá, além de reportar sobre a costa e a frota, ainda sugeriu estratégia. Nenhum esquadrão baseado em Gibraltar poderia controlar os dois lados da entrada do Mediterrâneo, escreveu ele. Seria necessário um segundo esquadrão – sugeriu – baseado em Lagos (Portugal). Tinha toda razão: até hoje, o vento naquela região sopra alternadamente do leste e do oeste; naquela época de navios a vela, caso houvesse um vento fresco, o esquadrão a qualquer momento ou não podia entrar ou não podia sair do Mediterrâneo.

Mas a prepotência, que seria o seu calcanhar-de-aquiles, começava a se mostrar. Escreveu ao almirantado: ele, Sidney Smith, seria a pessoa ideal para comandar este segundo esquadrão, pois era o único com conhecimento detalhado da costa atlântica do Marrocos. Não mencionava que só ti-

**Em fevereiro de 1784
voltou à Inglaterra, em
comando da Fragata
Alcmene, de 32 peças e
uma tripulação de 300
homens. Ainda faltavam
quatro meses para
completar 20 anos**

na 23 anos!

Sempre irrequieto, seu próximo alvo foi a Suécia. Esse país se encontrava em guerra com a Rússia, mas, devido ao inverno e ao congelamento dos mares, as esquadras se encontravam temporariamente sem serventia.

Não vou descrever as batalhas de que participou, pois quero concentrar-me no seu caráter. Basta dizer que a ajuda para derrotar a Rússia fez com que merecesse do Rei Gustavo o título de Cavaleiro da Ordem da Espada, e, com permissão do governo inglês, pôde usar o título de *sir*. Sua

mancira de agir refletia o seu caráter, e esse aspecto da sua personalidade trouxe conseqüências altamente negativas para ele durante toda a sua carreira.

Com dificuldade, conseguiu alcançar a base sueca de Karlskrona e logo se apresentou ao comandante chefe, o Duque de Södermanland. Pelos relatos, sem poupar elogios a si mesmo, ofereceu-se para integrar as forças navais suecas. O Rei Gustavo então convidou o “Coronel Smith”, como assim ficou conhecido, a aceitar o emprego. Porém, antes de aceitar seria necessário que ele obtivesse permissão do almirantado inglês. Em época em que a guerra não era iminente, o almirantado dava permissão, por seis meses, aos oficiais que desejassem empregar-se que o fizessem, desde que o país não fosse de um inimigo em potencial. Persuadiu então o ministro britânico, em Estocolmo, a nomeá-lo “Mensageiro do Reino” e, em seguida, partiu para Londres. Imaginava que levava importantes documentos, mas, ao chegar, as autoridades inglesas não lhe fizeram caso.

Após seis semanas frustrantes em que não conseguia obter permissão e receoso que o gelo estaria se derretendo e que logo as hostilidades teriam início, partiu de volta. Ao mesmo ministro em Estocolmo escreveu que era portador de informações somente para os ouvidos do rei – o que não era verdade. Muito bem impressionado com o jovem inglês, o rei nomeou-o seu principal assessor naval – o que gerou um grande mal-estar entre oficiais suecos – e comandante de uma flotilha de navios de menor porte. Ao ministro novamente mentiu: escreveu que seguia a nau do rei a bordo de um pequeno iate e que esperava que este fato não consistisse em emprego, pelo qual não tinha permissão.

Embora sua contribuição na derrota das forças russas tenha sido reconhecida pelo rei ao voltar a Londres, foi muito criticado

não só pela desobediência, mas também pela morte de seis capitães ingleses que na época trabalhavam para a Marinha russa.

Quando a guerra recomeçou, em 1793, Smith servia como voluntário na Marinha da Turquia, um pretexto para continuar suas atividades de espião amador naquele extremo do Mediterrâneo.

A notícia alcançou-o quando se encontrava no porto de Smyrna. Sua reação foi imediata: percebendo a presença no cais de dezenas de marinheiros ingleses desempregados, comprou, com recursos próprios, uma pequena embarcação de vela latina, trocou o nome desta para *Swallow* e, com uma tripulação de 40 marinheiros ingleses, partiu.

Em dezembro alcançaram os arredores de Toulon, a principal base francesa. Um esquadrão britânico, sob o comando do Almirante Hood, bloqueava o porto. Smith era um oficial desempregado recebendo meio salário e, por este motivo, sua idéia era seguir viagem para Londres, se apresentar ao almirantado e, eventualmente, receber o comando de um navio. Enquanto aguardava, fora da Baía de Toulon, para iniciar esta etapa da viagem, Hood convidou-o para participar de uma conferência a bordo da nau capitânia, a *Victory*. Os demais capitães presentes ficaram extremamente ofendidos com a sua presença. Além de impopular, era desempregado e, portanto, não tinha nenhum direito de estar ali. Ele se defendeu alegando que enquanto eles eram comandantes de navios que pertenciam à Marinha com guarnições pagas por ela, ele era dono do seu barco e a sua guarnição era paga do próprio bolso!

Mesmo estando Smith oficialmente desempregado, Hood nomeou-o comandante de uma pequena flotilha; teria como subordinados dois capitães, 14 tenentes e sete guardas-marinhas. Suas instruções, por escrito, eram para entrar no ancoradouro e

incendiar o maior número possível de navios franceses.

Não vou descrever todos os lances desta operação, apenas o seu resultado. Hood e os monarquistas, que se encontravam em terra, conseguiram apreender e retirar da baía quatro naus de linha, oito fragatas e sete corvetas. Smith destruiu dez naus de linha, duas fragatas e duas corvetas. O esquadrão que restara nas mãos dos republicanos tinha sido reduzido a 18 naus de linha, quatro fragatas e três corvetas.

O número de embarcações destruídas pelas forças comandadas por Smith era, até então, maior do que em qualquer confronto naval anterior, confrontos esses que tinham trazido riqueza e honrarias aos almirantes.

Não obstante, Hood tenha escrito que Smith tinha se distinguido; muitos criticaram-no por não ter conseguido destruir todas as embarcações.

Na realidade, era o reflexo de sua intensa impopularidade; era fruto de sua exagerada autoconfiança, seu título sueco, sua desobediência às ordens e seu hábito de ir direto às pessoas mais importantes na Marinha ou no governo, passando por cima de superiores.

Em Londres, o primeiro lordé do almirantado, Spencer, se manifestou satisfeito com a atuação de Smith. Reconheceu suas excepcionais qualidades, mas, ao mesmo tempo, a dificuldade em manejar uma pessoa com essa vontade quase insana de aparecer e de achar que a sua opinião era a certa e de ter a convicção de implantá-la mesmo indo contra as ordens de superiores. O povo o aclamou herói da nova guerra.

Smith, sempre com novas idéias, agora argumentava que a costa norte da França deveria ser atacada, e que, para se obter êxito, embarcações de pequeno calado deveriam

ser usadas, possibilitando, assim, chegar perto de áreas que eram mal protegidas.

Spencer acatou as suas sugestões, e Smith, durante os seguintes dois anos, comandando uma flotilha de chatas e brulotes (embarcações que eram incendiadas e depois, sem tripulação, dirigidas contra o inimigo), passou a fustigar o inimigo. Spencer, conhecedor do seu caráter, manteve-o respondendo diretamente ao almirantado e não ao comando do Esquadrão do Canal.

O ESTUDO DE CASOS

Gostaria de destacar três ações durante esse período.

A primeira, em 1795, ocorreu quando o

Smith destruiu dez naus de linha, duas fragatas e duas corvetas

almirantado recebeu informações de que um esquadrão francês tinha deixado sua base principal, que era Brest. Smith recebeu ordens para averiguar.

Como o ancoradouro não era visível do mar aberto, ele teria que primeiro velejar por uma passagem estreita e muito bem protegida por fortes para depois entrar no ancoradouro. Os preparativos consistiam em disfarçar a sua Fragata *Diamond* para que aparentasse ser uma fragata francesa, e o mesmo deveria ser feito com os uniformes dos oficiais. Despertou, porém, suspeitas quanto a sua identidade, que logo depois foi descoberta enquanto dentro do porto, e por pouco não foi capturado — o sucesso da missão foi devido ao seu excelente francês e à sua extrema autoconfiança.

No ano seguinte, Smith seguiu um comboio de nove embarcações francesas para dentro do porto de Herqui, na costa da Bretanha. Atacou-as e, em seguida, queimou-as; nenhuma escapou. Capturou os fortes que protegiam o ancoradouro e encravou seus canhões. Em seguida, en-

viu o tenente que comandou o ataque aos fortes, com despachos descrevendo a vitória e de presente ao almirantado o pavilhão francês capturado. O povo nas ruas de Londres delirou — era o tipo do evento que apreciava. O Teatro Covent Garden montou uma opereta intitulada “The Point in Herqui” ou (“O Triunfo da Valentia Britânica”).

O terceiro episódio se sucedeu porque Smith acreditava que era possível subir o Rio Sena e atacar Napoleão na sua própria capital, Paris! Em abril daquele ano decidiu entrar no porto de Le Havre, a embocadura do Sena. Suas intenções eram fazer reconhecimento da área — seria útil mais tarde, caso o seu plano de atacar Paris viesse a ser executado — e capturar o *Vengeur* — um lugre corsário —, que de vez em quando atacava navios mercantes ingleses. De madrugada, liderou alguns oficiais e 24 marinheiros remando silenciosamente, em quatro pequenas embarcações, para dentro do porto. O lugre foi rapidamente capturado. A falta de vento, porém, impedia-o de sair do porto. Pior, o cabo do ferro tinha sido cortado, e o lugre não tinha outro de reserva; assim, aos poucos, eles estavam sendo levados para onde se encontravam várias outras embarcações francesas. Sem vento, a *Diamond* não conseguia entrar para ajudá-los e nem eles conseguiam avançar remando contra a correnteza. Ao amanhecer, já era óbvio para todos o que tinha acontecido, e então várias embarcações preparavam-se para atacar o *Vengeur*. Smith mandou os prisioneiros para terra e preparou sua defesa. Após mais de uma hora de troca de tiros, ele decidiu que não tinham saída. Depois um breve discurso aos companheiros, arriou o pavilhão em sinal de entrega. Smith tornou-se, então, prisioneiro de guerra.

Os dois anos seguintes foram para Smith uma total perda de tempo. Preso em Paris, corria o risco de ir para a guilhotina. Enquanto como oficial da Marinha ele poderia

esperar um tratamento humano e até ser trocado por algum comandante francês, naquele momento numa prisão inglesa, sendo considerado um espião ele corria risco de vida.

Na França daquela época existiam ainda muitos monarquistas que lutavam clandestinamente contra o regime republicano. Um grupo deles se uniu para tirar da cadeia o “Leão do Mar”, como era denominado pelo povo dos dois lados do Canal da Mancha. Chegaram até a alugar uma casa em frente à janela da prisão onde ele se encontrava; sem poder falar com Smith, inventaram então um código para que pudessem trocar mensagens.

Dependendo do comandante da prisão, Smith tinha algumas regalias. Durante um determinado período, em troca da sua palavra de honra que não escaparia, lhe era permitido sair nas ruas durante o dia. Na época, a palavra de um oficial era mais segura que um par de algemas!

Um dia, foi notificado de que seria transferido para outra carceragem; não ficou surpreso, pois já tinha sido transferido algumas vezes. Logo que entrou na carruagem, seus guardas revelaram que, de fato, eram monarquistas. A pressa em escapar por pouco não virou desgraça: a carruagem acidentalmente tombou, o que causou a descoberta da fuga. Perseguidos pelo norte da França até a costa, conseguiram embarcá-lo para fazer a travessia do Canal.

“O Leão voltou!” — gritavam euforicamente nas ruas de Londres, e novamente o carisma com o povo se manifestava. Após ser recebido por lorde Spencer no almirantado, foi em seguida recebido pelo Primeiro-Ministro William Pitt no Parlamento e, finalmente, pelo rei.

NO MEDITERRÂNEO

Neste meio tempo, em muitos portos do Mediterrâneo Napoleão montava um grande exército cujo destino era ignorado. Ha-



Horror da guerra – *L'Orient*, de 120 peças, pega fogo durante a noite e explode, matando sua tripulação de 1.200 homens (O quadro pertence ao National Maritime Museu de Greenwich)

via, é claro, especulação, mas nada definitivo. O mistério se aprofundou quando a “inteligência” informou que 167 “savants”, como os cientistas eram conhecidos, estariam prontos para embarcar. Sim, essa era a força com a qual Napoleão pretendia criar um império no leste. Primeiro ocuparia o Egito, e em seguida tomaria da Inglaterra sua rica colônia, que era a Índia.

Nelson, então subordinado do almirante Jervis, com base em Lisboa, recebeu ordens de entrar no Mediterrâneo e investigar o propósito dessas forças francesas –

porém, chegou tarde demais; os portos já se encontravam vazios! Levou os dois meses seguintes procurando-as. Uma tarefa não muito fácil, pois a área era extensa.

Finalmente, em 1º de agosto de 1798, encontrou-as. O esquadrão estava fundeado na Baía de Aboukir, entre Alexandria e o delta do Nilo. Seguiu-se uma das mais extraordinárias batalhas travadas em toda a história naval, reunindo o mais alto grau de ousadia, coragem e marinaria. Nelson destruiu o esquadrão que tinha levado o exército francês para o Egito.

Ficaram sem opção. Para chegar à Índia, teriam que subir a costa pela Síria (hoje Israel), atacar Constantinopla e depois, voltando para o leste, atravessar a Pérsia e só então alcançar a Índia.

Em Londres lembraram que Smith tinha boas relações com o “Sublime Porte”, como então era conhecido o Império Otomano, pois tinha servido em sua Marinha.

Reunindo antigos marinheiros da Fragata *Diamond*, amigos monarquistas franceses e muitos outros, Smith partiu na Nau *Tigre*. Suas ordens eram para se colocar debaixo do comando do Almirante Marquês de São Vicente, nos arredores de Cadiz ou Gibraltar. Ainda recebeu do ministro do Exterior o cargo de ministro plenipotenciário adjunto ao Império Otomano (o outro ministro plenipotenciário era seu irmão mais novo, Spencer).

A estratégia era tirar proveito do fato de que uma parte do território do Império Otomano, o Egito, tinha sido tomada pelos franceses. Em casos

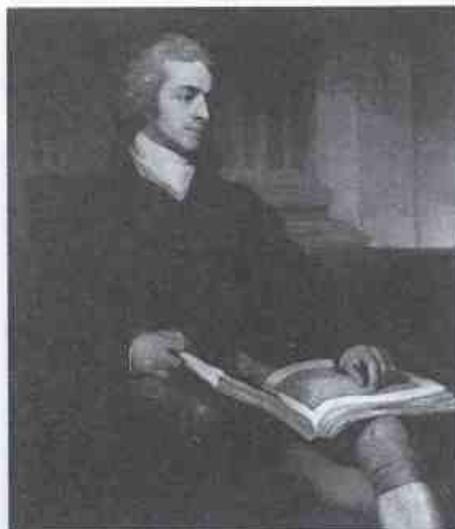
normais, esta combinação de funções oficiais já seria complicada, mas com o caráter de Smith era previsível que tudo resultaria numa grande confusão.

Não foi diferente. Todos reclamavam de Sidney Smith. Alguns, como Nelson, diziam que ele não tinha o devido respeito, quando escrevia, que um capitão deveria ter pelo seu superior, almirante. Mas Sidney Smith alegava que ele era um diplomata sênior portanto ficava acima de um almirante! Outros diziam que ele não respeitava o comando central, colocando debaixo de suas or-

dens navios pertencentes a outras esquadras, ou que se auto-intitulava comodoro sem ter sido assim nomeado! Escrevia diretamente para o almirantado em Londres, quando no Mediterrâneo encontravam-se superiores em dois níveis acima dele.

Mas no relacionamento com as autoridades turcas era um sucesso! Vestido com as roupas típicas, turbante e longos bigodes, participava como membro eleito do mais alto conselho do “Sublime Porte”, o Divan.

Vitória sobre Napoleão



Sidney Smith

Enquanto isso, Napoleão, após fácil vitória sobre os Mamelucos, ocupava o Egito. Não tardou para implementar seu plano original. Pôs em marcha um exército composto de 10 mil homens de infantaria, 800 de cavalaria e outros tantos montados em dromedários, para o leste e depois para o norte. Conforme capturava as cidades – Gaza, Jaffa e El Arish –, seus habitantes eram truci-

dados. A cidade seguinte que se encontrava pelo caminho era Acre (hoje perto da fronteira entre Israel e Líbano). Esperavam tomá-la facilmente, como tinha acontecido com outras tantas cidades.

Foi ali, naquela cidade-fortaleza de 15 mil almas, que Sidney Smith decidiu resistir. Comandando pessoalmente de dia e de noite, muitas vezes nas próprias muralhas da cidade, tropas turcas, mercenários albaneses, sírios, curdos, marinheiros e fuzileiros navais ingleses, conseguiu parar o avanço do exército francês.

Canhões, pólvora e balas foram desembarcados dos navios para reforçar as defesas dessa cidade construída no tempo das Cruzadas. No mar, navios sob o seu comando destruíam reforços e víveres para as tropas francesas, como também navios levando máquinas para romper os muros.

Foram dois meses de cerco. Primeiro atiravam de longe, numa tentativa de criar uma brecha nas muralhas, para que a infantaria pudesse alcançar a cidade. Quando viram que esta estratégia não iria funcionar, fizeram uma tentativa mais direta —, escavan-

do ao lado e debaixo da muralha para poder ali colocar explosivos. Muitas vezes este procedimento ocasionou lutas corpo-a-corpo fora da muralha e, quando conseguiram rompê-la, dentro da cidade, na primeira linha de defesa. Napoleão observava tudo de longe e dava as suas ordens. No final, tendo perdido metade do exército em conflitos e por doença, desistiram e começaram a marcha de regresso. Foi o maior feito na carreira de Sidney Smith. Historiadores comparam essa vitória com a obtida por Nelson em Trafalgar!

Para ser justo com Nelson, ele recebeu a notícia do resultado do cerco de Acre ao mesmo tempo em que recebeu a notícia das responsabilidades diplomáticas de Smith (mais uma falha na comunicação). Agora entendia que Smith não estava menosprezando-o quando lhe escrevia. Nelson, como era seu caráter, foi extremamente generoso com

seu elogio: "... o imenso trabalho que você teve na defesa de Acre ... nunca fora superado, e a bravura demonstrada por você e seus companheiros merece todo o elogio que o mundo civilizado poderá conferir... Fique assegurado, meu caro sir Sidney, da minha estima e admiração...".

O sultão condecorou-o com o *chelengk* (um penacho coberto de brilhantes para ser usado no chapéu e que tinha um motor a corda, para fazer os brilhantes rodarem). Também o nomeou Companheiro da Imperial Ordem do Quarto Crescente.



Lord Nelson usando o seu *chelengk*, ganho pela vitória na Batalha de Aboukir (O quadro pertence ao National Maritime Museu de Greenwich)

Os meses que se seguiram foram os mais confusos na carreira de Smith. Na tentativa malsucedida de tomar Acre, Napoleão tinha perdido tantos homens que seu projeto de um Império Oriental teria que ser temporariamente arquivado. Apesar das advertências dadas por Smith para ficarem atentos, Napoleão, a bordo da Fragata *Murion*, furou o cerco marítimo e alcançou a França.

Novamente Smith se viu num dilema. Nelson, seu comandante naval, tinha deixado claro que não haveria

negociações e que nenhum soldado francês poderia ser devolvido à sua pátria. Como ministro, suas instruções, provenientes de Londres e reforçadas pelo sultão, eram no sentido que os franceses teriam que ser retirados do Egito e do Levante de qualquer maneira.

Depois de intensas atividades políticas lideradas por Smith, chegou-se a um acordo entre a França e a Turquia, porém não assi-

nado por Smith, de El Arish: seria permitido ao exército francês voltar à sua pátria.

Quando o governo britânico tomou conhecimento desse acordo, rejeitou-o. Mais tarde, visto como a única solução, tropas britânicas foram desembarcadas e, perto de Alexandria, o exército inglês triunfou. Era, em terra, a primeira vitória britânica em toda a guerra. O tratado então acordado era muito semelhante ao de El Arish; portanto, se este tivesse sido aceito, inúmeras vidas teriam sido salvas.

A VOLTA À INGLATERRA

Smith finalmente partiu para a Inglaterra levando a notícia da vitória.

Se ele tivesse sido um almirante, a defesa de Acre teria, sem dúvida, merecido um marquesado e uma soma substancial em dinheiro; mas como existiam ainda cem capitães na sua frente na lista para promoção para almirante, teve que se contentar com menos. O Parlamento, em suas duas casas, formalmente reconheceu a grande-

za da sua vitória e votou uma anuidade de £1.000 (US\$20.000 em valores de hoje). Smith e Nelson eram agora reconhecidos como dois heróis da guerra.

No ano seguinte foi convidado para ser o representante da cidade de Rochester no Parlamento. Embora não sendo o seu cenário preferido, aproveitou a oportunidade para defender, com veemência, o orçamento da Marinha.

Nessa época Smith vivia num subúrbio de Londres, Blackheath, não muito distante

da Princesa Caroline, esposa, porém separada, do príncipe de Gales e futuro rei, Jorge IV. Em 1802, o relato de muitos que na casa dela trabalhavam e de outras pessoas que freqüentavam a sua corte parece confirmar que Smith tornou-se seu amante. No ano seguinte, uma criança nasceu, não necessariamente dele; poderia ser filha de um dos muitos homens com quem ela mantinha amizade.

No período seguinte de sua vida interes-

sou-se por inventos e inventores. Primeiro foi um catamarã, em seguida um submarino desenvolvido pelo americano Robert Fulton. Depois vieram torpedos e minas. Smith, sempre com aquele mesmo entusiasmo, tentava persuadir as autoridades para testar, desenvolver e usar esses inventos, porém sem grande sucesso. O tempo que um oficial necessitava para alcançar o posto de almirante e depois fazer parte do almirantado na prática tornava a instituição altamente conservadora.

No final de 1805, enquanto esperava

para unir-se com Nelson no Mediterrâneo para comandar uma das divisões do seu esquadrão, chegou a notícia da Batalha de Trafalgar e da morte de Nelson.

PROMOÇÃO A ALMIRANTE

Dois dias depois, o seu nome chegou ao topo da lista de capitães, e ele tornou-se contra-almirante de pavilhão azul.

Em 1806, partiu para assumir o comando da divisão costeira do Esquadrão do Me-



Suas armas, depois de 1808 e antes de receber várias outras condecorações, inclusive da Rainha Vitória

diterrâneo, sob o comando de lorde Collingwood, com especial responsabilidade pela Sicília.

DE NOVO NO MEDITERRÂNEO

O Rei Bourbon, Ferdinando IV, e a sua Rainha Maria Carolina (irmã da guilhotina-da Marie Antoniette) encontravam-se seriamente ameaçados pelas tropas de Napoleão. O seu reino, das Duas Sicílias, consistia da área ao sul de Nápoles e da Ilha de Sicília. A parte continental tinha sido invadida, e José, irmão de Napoleão, preparava-se para ser coroado rei de Nápoles. Tropas britânicas, auxiliadas por sicilianos e corsos, tentavam impedir a invasão da Ilha.

Novamente Smith teria que lidar com diplomatas e generais ingleses, pois tinha sido nomeado por Ferdinando vice-rei da Calábria e comandante chefe das Forças Armadas. Assim passaria a acumular responsabilidades políticas e militares, além das navais.

Smith não se tinha preocupado em obter permissão de seus superiores e do governo antes de aceitar este comando.

Mesmo contrário à opinião dos generais ingleses, mas com o encorajamento e apoio da rainha, Smith decidiu atacar o continente. Ele acreditava que esta seria a melhor maneira de defender a Sicília.

Começou atacando, e depois tomando, a Ilha de Capri, ao lado da capital, Nápoles. Depois, embarcando 5 mil soldados britâ-

nicos da guarnição da ilha e forças corsas irregulares, levou-os até a Calábria. Lá, os *massi*, como eram conhecidos os guerrilheiros das montanhas da Calábria, esperavam para ajudá-los. O confronto com o exército francês resultou na segunda vitória das forças britânicas.

O embaixador britânico ficou enfurecido. Não só não tinha sido informado antecipadamente da invasão como o dinheiro que ele tinha dado a Smith para comprar "inteligência" tinha sido usado pelo almirante para armar os *massi*.

Em Londres, choviam cartas e relatórios dos comandantes ingleses reclamando da sua total independência e desrespeito à autoridade — o mesmo problema, as mesmas críticas que tinha sofrido anteriormente no Levante, onde o sultão tinha lhe entregado o

comando das forças turcas em terra e no mar.

A Inglaterra finalmente cedeu às pressões e chamou-o de volta a Londres.

Nesse meio tempo, Napoleão tinha capturado o leste do Mar Adriático e negociava com o Sublime Porte permissão para atravessar a Turquia, o Levante e o Egito, novamente com a intenção de alcançar a Índia.

Smith recebeu contra-ordens: dirigir-se imediatamente para Constantinopla a fim de integrar o esquadrão sobre o comando de sir John Duckworth. Era o único com conhecimento da área, além de uma amizade com o sultão. Assim, o certo teria sido ele ter comandado o esquadrão. Não obstante, tinha tantos inimigos nas forças



Estátua de Smith em uma das entradas do Museu Marítimo em Greenwich

armadas e na política que dificilmente aceitariam entregar-lhe o comando-geral.

Enquanto a política dos irmãos Smith, oito anos antes, tinha sido de atrair o sultão para o seu lado com um tratado de amizade e cooperação, Duckworth partiu para a agressão. Ameaçou destruir a Marinha de Guerra e bombardear a capital se o sultão cedesse às pretensões de Napoleão.

A missão foi um fracasso total. Primeiro velejaram pelo Dardanelos, 38 quilômetros de canais estreitos entre o Mar de Egeu e o de Marmara. Depois entraram pelo Mar de Marmara e subiram pelo seu lado oriental em vez do ocidental, resultando na impossibilidade, devido às correntezas fortes, de alcançar Constantinopla. Smith, na retaguarda do esquadrão, encontrava-se ainda no canal quando as primeiras embarcações entraram no Mar de Marmara. Caso contrário teria avisado, pois conhecia bem aquela região. Após dois meses, tiveram que abandonar a missão.

O OCASO

Smith, então, voltou para a Inglaterra. Era 1807.

A etapa seguinte de sua vida conheceu bem, e não vou repetir. Novamente, a sua atuação na área política, com d. Carlota Joaquina, ignorando o embaixador lorde Strangford, foi o motivo de ser destituído do seu posto.

Em equidade a Smith, a intenção dele era montar uma expedição para invadir a Argentina, pois havia receio de que a França pretendesse estabelecer por lá uma base. Em 1806, uma operação semelhante tinha sido montada pelo chefe de divisão sir Home Popham — um fracasso total.

De volta foi muito criticado por Canning, primeiro-ministro, até tomar conhecimento de que Smith estava seguindo ordens secretas emitidas pelo Ministério da Guerra, em 5 de agosto de 1808.

Em 1810, foi promovido a vice-almirante e, neste mesmo ano, casou-se, aos 46 anos, com a viúva Caroline Rumbolt, quatro anos mais velha.

Com o término das guerras napoleônicas e o avanço da idade, Smith tornou-se cada vez mais excêntrico. Fundou a Sociedade de Cavaleiros Libertadores dos Escravos na África, tornando-se seu presidente.

Tendo recebido, enquanto na Ilha de Chipre, a cruz usada por Ricardo I, imaginou que tinha sido

agraciado com o título de Grande Prior da Ordem dos Cavaleiros Templários da Grã-Bretanha. Aliás, uma ordem extinta em 1312.

Sempre generoso, gastava muito além dos seus recursos, e, apesar de ter recebido do governo somas que ele alegou ter gasto no passado do próprio bolso, e que eram por conta do governo, as suas dívidas aumentavam. Decidiu então mudar-se para Paris, longe do alcance dos seus credores e da inevitável prisão. Em 1826 sua esposa faleceu.



Seu túmulo, em Paris, descuidado a tal ponto que o relevo em mármore do rosto já foi roubado

Finalmente, em 1838, a Rainha Vitória, coroada no ano anterior, o condecorou com a Grã-Cruz da Ordem do Banho. Dois anos depois teve um derrame e aos 76 anos faleceu.

RELACIONAMENTO COM CARLOTA JOAQUINA

Eu não poderia encerrar este curto e modesto estudo sobre Sidney Smith sem re-
futar aquilo que, mesmo sem provas, é freqüentemente repetido por muitos historiadores: que ele tenha sido mais um dos muitos amantes de d. Carlota Joaquina.

Em defesa dela, neste caso especificamente e em geral, gostaria de relatar que meu estudo de muitos anos sobre a época em que ela viveu revela somente uma menção de infidelidade, escrita por quem freqüentou aquela corte, no caso William Beckford.

Este, aos 10 anos de idade, tinha herdado uma das maiores fortunas da Inglaterra. Em 1787, já com 28 anos, devido a sua bissexualidade — especialmente suas cartas amorosas dirigidas a William, filho de lorde Coutenay, então com 13 anos de idade —, foi forçado a deixar o país, partindo em seguida para Portugal.

Apesar de não possuir um título de nobreza, foi apadrinhado pelos marqueses de Marialva, esperançosos de que ele viesse a se casar um dia com Henriqueta, a filha de 15 anos. Na verdade, ele ficou mais interessado

foi em d. Pedro Vito, o filho de 17 anos. Nas anotações em seu diário, ficaram evidentes as relações homossexuais que os dois mantiveram durante vários meses, até que a família resolveu interferir no relacionamento.

Quarenta e cinco anos depois, ele escreveu que, na noite de 14 de junho de 1794, o filho do marquês foi seduzido por d. Carlota Joaquina. Mais tarde, fez especulações alegando que este poderia ser o pai de d. Miguel, que se tornou rei de Portugal,

apesar de ele ter nascido em 1802, ou seja, oito anos depois!

D. Pedro Vito, sexto marquês em 1799, sempre foi homem da mais alta confiança de d. João. Foi ele que, em novembro de 1807, numa última tentativa de apaziguar Napoleão, foi enviado à França com uma quantidade grande de diamantes e instruções para negociar o casamento do filho d. Pedro com a sobrinha do imperador francês. Mais tarde, em 1814, como embaixador extraordinário em Viena, na Áustria, negociou o

casamento da arquiduquesa d. Leopoldina com d. Pedro, gastando da sua enorme fortuna para representar o seu soberano e país, com um grau de magnificência nunca antes visto naquela corte, conforme nos relata Octávio Tarquino. Em 1823, faleceu em Paris, talvez, sem surpresa, ainda solteiro. Teria d. João entregue a ele tão importantes missões se houvesse qualquer suspeita?

Mencionaremos ainda como Marcus Cheke, um dos principais biógrafos de d.



William Beckford

Carlota Joaquina, a descreveu. “Ela era, talvez, uma das personagens reais mais feias que até hoje existiu. Sua estatura ia pouco além de um metro e quarenta e seis, seus olhos eram congestionados e mal-volos. Nariz aquilino, queixo de quebra-nozes e lábios arroxeados que se abriam para pôr à mostra dentes enormes, desiguais como a flauta de Pã; e ainda era

manca de um acidente de cavalo.” Seria esta a mulher que a nossa mídia tanto ostenta como sedutora e ninfomaníaca?

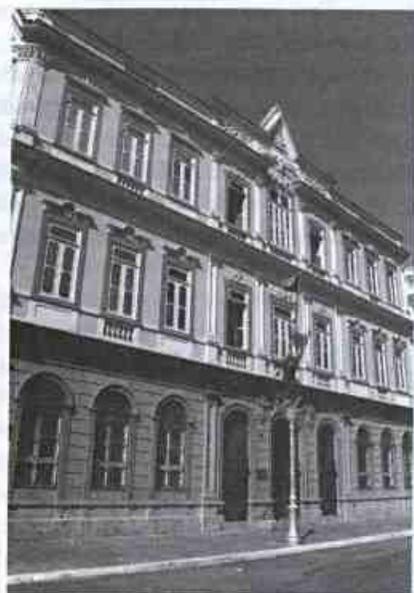
Quanto a essas asserções (de infidelidade), Cheke informa que foram, sem dúvida, inventadas posteriormente, por terem sido oriundas de inimizades políticas. E nem pode um historiador sério, assegura ele, con-substanciá-las por meio de provas concretas.

CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<HISTÓRIA> / História Naval; História da Marinha da Inglaterra; Smith, Sidney; Nelson, Lorde; Beckford, William; Joaquina, Carlota;

BIBLIOGRAFIA

- BARROW, John. *The Life and Correspondence of Admiral Sir William Sidney Smith G.C.B.*, London, Richard Bentley, 1848. 2 v.
- BECKFORD, William. *A Côrte da Rainha D. Maria I*, Lisboa, Tavares Cardoso & Irmão, 1901.
- BECKFORD, William. *Recollections of an Excursion to Alcobaca and Batalha*, Paris, Societe des Editions ‘Les belles Lettres’, 1956.
- BECKFORD, William. *The Journal of William Beckford in Portugal and Spain 1787-1788*, London, Edited by Alexander Boyd, 1954.
- CHEKE Marcus. *Carlota Joaquina (A Rainha Intrigante)*, Trad. Gulmara Lobato de Morrais Pereira, São Paulo, J. Olympio, 1949.
- MOWL, Timothy. *William Beckford, Composing for Mozart*. London, John Murray (Publishers), 1998.
- POCOCK Tom. *A Thirst for Glory – The Life of Admiral Sir Sidney Smith*. London, Aurum Press, 1996.
- RUSSEL, Edward Frederick Langley. *Knight of the Sword (Sir W. S. Smith)*, London, Victor Gollancz, 1964.
- SMITH, Sir William Sidney. *The letters os Sir W. S. Smith – The Navy and South America 1807-1823*. Navy Records Society, 1962.
- SOUSA, Octávio Tarquino de. *A Vida de D. Pedro I*, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1952. 3 v.



VISITE O SEU MUSEU

O MUSEU NAVAL, sediado em um prédio de mais de cem anos, volta ao cenário cultural da cidade do Rio de Janeiro com uma nova exposição permanente, que aborda “O Poder Naval na Formação do Brasil” e ocupa sete salas do pavimento térreo.

Diversos objetos importantes fazem parte do acervo exposto: modelos de navios de diversas épocas, obras de arte assinadas por pintores importantes, esculturas, medalhas.

Tudo é mostrado aos visitantes através dos fatos históricos, numa linguagem e contexto contemporâneos e com alguns recursos interativos de som e imagem e dioramas.

Juntamente com a exposição permanente, foi inaugurada uma exposição temporária com o tema “Retratos Marinheiros”, onde os retratos a óleo do acervo do Serviço de Documentação da Marinha serão expostos. Alguns são mostrados ao público pela primeira vez.

O Museu, situado na Rua D. Manuel, 15 – Centro, está aberto à visitação de terça a domingo das 12h às 17h. Ingressos no local.